

## POR TRÁS DO MONOGRAMA DO MOVIMENTO LGBTQIAPN+: VIDAS, REPRESENTATIVIDADE E ESCLARECIMENTOS

### BEHIND THE MONOGRAM OF THE LGBTQIAPN+ MOVEMENT: LIVES, REPRESENTATION AND CLARIFICATIONS

**Geraldo Eustáquio MOREIRA**

<geust2007@gmail.com>

Pós-Doutor em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Doutor em Educação Matemática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo/SP, Brasil

Estágio Doutoral pela Universidade do Minho, CIED/UMINHO, Braga/PT, Portugal

Professor na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, FE/UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Professor na Pós-Graduação em Educação (PPGE/UnB, Acad. e Profissional), UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/8911881624400864>

<https://orcid.org/0000-0002-1455-6646>

#### RESUMO

O presente estudo teve como objetivo geral investigar os conhecimentos de docentes e estudantes da Pós-Graduação de uma universidade pública sobre os significados das letras que compõem a sigla monogramática do movimento LGBTQIAPN+, com o propósito de fomentar diálogos e debates que despertem o seu interesse pela defesa de questões socioeducacionais voltadas aos Direitos Humanos dos componentes do grupo, dando-lhes condições de saber que cada monograma representa muito mais que uma orientação sexual ou identidade de gênero: representa vidas silenciadas pelo preconceito e homofobia. De forma restrita, intencionou esclarecer eventuais descompassos e desconhecimentos sobre a defesa de se ter no referido monograma o englobamento de todos os excluídos do convívio socioeducacional. O estudo foi realizado por meio da pesquisa aplicada (questionário on-line), com variáveis demográficas e quatro questões foram aplicadas. O instrumento foi aplicado a 27 docentes de uma Faculdade de Educação, com retorno de 19 respostas, e 20 estudantes da Pós-Graduação em Educação, com 15 respostas, totalizando 34 respondentes. Os resultados evidenciaram o desconhecimento de parte dos participantes acerca do traço que marca o grupo LGBTQIAPN+; o reconhecimento de apenas parte do movimento LGBTQIAPN+; a necessidade de trazer para o debate questões atinentes à diversidade e, ainda, esclarecer a constituição do grupo, bem como a significância de cada uma das letras do monograma. Conclusivamente, temas relacionados à identidade de gênero, sexualidade, homofobia, diversidade e orientação sexual requerem a adoção de políticas públicas educacionais com amplo debate e esclarecimentos sobre a diversidade e a diferença.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representatividade; Movimento LGBTQIAPN+; Significados; Direitos Humanos; Homofobia.

#### ABSTRACT

The present study aimed to investigate the knowledge of professors and graduate students of a public university about the meanings of the letters that make up the monogram of the LGBTQIAPN+ movement, with the purpose of fostering dialogues and debates that arouse their interest in the defense of socio-educational issues related to the Human Rights of the group's components, giving them conditions to know that each monogram represents much more than a sexual orientation or gender identity: it represents lives silenced by prejudice and homophobia. In a restricted way, the intention was to clarify mismatches and lack of knowledge about the defense of having in the monogram the inclusion of all those excluded from the



socio-educational conviviality. The study was carried out through applied research (online questionnaire), with demographic variables and four questions were applied. The instrument was applied to 27 professors from a Faculty of Education, with 19 responses, and 20 graduate students in Education, with 15 responses, totaling 34 respondents. The results showed that some participants were not aware of the trait that marks the LGBTQIAPN+ group; they recognized only part of the LGBTQIAPN+ movement; the need to bring issues related to diversity to the debate and, also, clarify the constitution of the group, as well as the significance of each of the letters of the monogram. Conclusively, issues related to gender identity, sexuality, homophobia, diversity and sexual orientation require the adoption of public educational policies with broad debate and clarification on diversity and difference.

**KEYWORDS:** Representativeness; LGBTQIAPN+ Movement; Meanings; Human Rights; Homophobia.

## RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo indagar el conocimiento de docentes y estudiantes de posgrado de una universidad pública sobre los significados de las letras que componen la sigla monogramática del movimiento LGBTQIAPN+, con el propósito de promover diálogos y debates que despierten su interés en defensa de los temas socioeducativos relacionados con los Derechos Humanos de los componentes del colectivo, dándoles condiciones para conocer que cada monograma representa mucho más que una orientación sexual o identidad de género: representa vidas silenciadas por los prejuicios y la homofobia. De manera restringida, pretendía esclarecer posibles desajustes y desconocimientos sobre la defensa de tener en ese monograma el englobamiento de todos los excluidos de la convivencia socioeducativa. El estudio se realizó a través de una investigación aplicada (cuestionario en línea), con variables demográficas y se aplicaron cuatro preguntas. El instrumento se aplicó a 27 profesores de una Facultad de Educación, con 19 respuestas, ya 20 estudiantes de posgrado en Educación, con 15 respuestas, totalizando 34 encuestados. Los resultados evidenciaron el desconocimiento por parte de los participantes sobre el rasgo que marca al colectivo LGBTQIAPN+; reconocimiento de solo una parte del movimiento LGBTQIAPN+; la necesidad de llevar al debate temas relacionados con la diversidad y, también, aclarar la constitución del grupo, así como el significado de cada una de las letras del monograma. En conclusión, los temas relacionados con la identidad de género, la sexualidad, la homofobia, la diversidad y la orientación sexual requieren la adopción de políticas públicas educativas con amplio debate y esclarecimiento sobre la diversidad y la diferencia.

**PALABRAS CLAVE:** Representatividad; Movimiento LGBTQIAPN+; Significados; Derechos Humanos; Homofobia.

## A REPRESENTATIVIDADE PARA ALÉM DAS LETRAS MONOGRAMÁTICAS: A SIGLA LGBTQIAPN+ E AS VIDAS OFUSCADAS

Sabe-se que o mês dedicado ao orgulho LGBTQIAPN+ é o mês de junho, em âmbito internacional, tornando-se necessário compreender os liames da sigla que evoluiu significativamente nas últimas décadas, sobretudo porque a comunidade vem se firmando cada



vez mais, cuja complexidade é essencial para a compreensão da evolução da representatividade em nossos espaços e lugares.

A mundialmente conhecida Rebelião de Stonewall, ocorrida nos Estados Unidos, em 1969, deu o pontapé inicial para as manifestações, antes violentas e espontâneas, de membros da então comunidade LGBT contra uma covarde invasão da polícia de Nova York no bar Stonewall Inn, que não só agredia os frequentadores, mas, também saqueavam, extorquiam e roubavam títulos daqueles que eram mais ricos. O rigor contra homossexuais era altíssimo e as punições contra todos os membros da comunidade LGBT eram muito rigorosas e covardes (CARTER, 2005).

Começou, então, o ativismo gay nos Estados Unidos, que se espalhou para o mundo todo, tendo como marco o dia 28 de junho de 1969! A rebelião estadunidense ganhou as telas e os filmes “Stonewall - A Luta pelo Direito de Amar”, dirigido por Nigel Finch, que estreou mundialmente em 26 de dezembro de 1995, e “Stonewall: Onde o Orgulho começou”, dirigido por Roland Emmerich, produzido em 2015, com estreia no mesmo ano, apesar de ter chegado ao Brasil somente em 29 de setembro de 2016, embora novelescos, servem de base para contar a história, a luta e a resistência de quem sempre teve de enfrentar diferentes obstáculos para ocupar um lugar na sociedade!

A luta contra a homofobia estava instalada por meio do nascimento da hoje conhecida e consagrada Parada Gay, evento mundial com importantes datas firmadas nos calendários das principais cidades espalhadas pelo globo terrestre! A análise sobre a data está além do evento e da luta contra a homofobia: o capitalismo e o enorme quantitativo de dinheiro investido aumentam a pressão pela solidificação da marcha!

Nem mesmo os desastrosos e covardes tratamentos psiquiátricos intensivos, acompanhados de eletrochoques, castração e lobotomia, uma vez que a homossexualidade era considerada doença grave e delituosa, conforme nos conta Bausum (2015), foram capazes de parar o movimento que teve início naquele bar. A homofobia experimentada pela população LGBT da época era a mais cruel possível (e continua sendo hodiernamente!), indo na contramão da meteórica mudança política e social pela liberdade. Ou seja, enquanto outros setores



experimentavam avanços significativos em relação às suas reivindicações, a comunidade gay sofria o amargor de uma homofobia sistêmica, organizada e global!

Entendo que, cada vez mais, os movimentos sociais veem se preocupando com os espaços de seus grupos, que sofrem severas tentativas de perseguição e redução na atualidade, buscando proporcionar a inclusão para as pessoas que os compõem. Tais grupos, de LGBTQIAPN+, de negros, de pessoas com deficiência, de mulheres, de indígenas e tantos outros, por exemplo, têm razão em se preocupar e fortalecer os debates e a luta pela demarcação de seus direitos, haja vista a crueldade enfrentada no país que mais mata gays no mundo!

Similarmente, destaco que o rigor contra LGBTQIAPN+, mesmo na atualidade, ainda é assustador! Agressões físicas, verbais, psicológicas, exclusão, perseguição, assassinatos e outras violências são cometidos constantemente, levando, inclusive, à autorrepressão, ao sofrimento e ao suicídio, principalmente porque o patriarcado hegemônico (que favorece especialmente o homem branco, cisgênero e heterossexual) está enraizado, reforçando que a heterossexualidade é norma social a qual estamos todas e todos submetidos!

Com as recentes mudanças, atualizações e novas descobertas, é muito comum encontrarmos pessoas que não sabem os significados das letras que compõem a sigla LGBTQIAPN+. O movimento que, no Brasil, nos idos anos de 1990, nasceu com a sigla GLS, acrônimo de gays, lésbicas e simpatizantes, busca lutar pelos direitos e inclusão de pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero, que vem crescendo ao ponto de incluir pessoas não heterossexuais e não cisgêneras. Certamente, houve a necessidade de acrescentar novas letras à sigla, chegando a nove letras e o caractere “+”, gerando ainda mais dúvidas quanto ao significado de cada uma delas.

Se para muitos leigos a sigla LGBTQIAPN+ pode representar apenas letras de um grupo que quer se firmar, para o grupo legitimamente constituído, a intenção está muito além da mera representação. É a qualificação solidificada de muitas outras pessoas que antes eram excluídas e abandonadas à própria sorte, inclusive pelos ditos simpatizantes, em busca de defesa de suas pautas sociais. Desta feita, cada uma das letras da sigla LGBTQIAPN+, bem como seu caractere



aditivo, representa um grupo de pessoas da sociedade que sofre distintas violências simplesmente pelo fato de não se adequarem àquilo que foi normatizado como correto na sociedade, isto é, a ideia cisgênera<sup>1</sup> heterossexual imposta!

Se a sigla LGBTQIAPN+ marca um posicionamento de luta, resistência e orgulho, abrangendo lésbicas (L: mulheres que se relacionam com mulheres), gays (G: homens que se relacionam com homens), bissexuais (B: pessoas que se relacionam com homens e mulheres), transexuais e travestis (T: quem passou por transição de gênero), *queer* (Q: pessoas que transitam entre os gêneros, como as *drag queens*), intersexo (I: pessoa com qualidades e características masculinas e femininas), assexuais (A: quem não sente atração sexual por quaisquer pessoas), pansexuais (P: quem se relaciona com quaisquer gêneros ou orientações/condições sexuais), não-binário (N: quem não se percebe como pertencente a um gênero exclusivamente, cuja identidade e expressão não se limitam ao masculino e feminino, estando fora do binário de gênero e da cisnormatividade) e o símbolo aditivo “+ (mais)” (+: outros grupos e variações de sexualidade e gênero)<sup>2</sup>, ainda há muito a ser investigado e compreendido do ponto de vista da diversidade cultural a que estamos inseridos, seja no meio social, seja no ambiente escolar/universitário.

Não raro, quando nos deparamos com o uso da sigla LGBTQIAPN+, percebemos certo constrangimento de muitas pessoas por não saberem o seu real significado e, para além disso, não sabem que seu uso está intimamente relacionado com a construção da subjetividade e da resistência da comunidade LGBTQIAPN+, inclusive nos espaços universitários. Assim, a cisheterossexualidade vista como o único bulevar “natural”, deflagrada como via de mão única, faz com que as demais identidades e expressões de gênero continuem a ser reprimidas ao ponto de

---

<sup>1</sup> Importa destacar que o termo cisgênero - *cis* é utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica com o seu gênero de nascença. Isto é, a identidade de gênero (a forma como a pessoa se vê) corresponde ao gênero que lhe foi conferido ao nascer. A origem etimológica latina do prefixo *cis* nos indica “do mesmo lado” ou “ao lado de”, fazendo referência à concordância da identidade de gênero do indivíduo com a sua configuração de nascença (tanto hormonal quanto genital).

<sup>2</sup> Sugiro ao/à leitor/a buscar conhecimentos atinentes a outros termos, tais como aroace (é a abreviação para se referir às pessoas que se identificam como aromânticas e assexuais); aromântica/o: pessoa que tem ausência total ou parcial de vínculo afetivo-romântico com alguém; demissexual: pessoa que apenas sente atração sexual quando já possui uma ligação emocional com o/a outro/a e a atração física por si só é irrelevante; alosexual (allosexual): pessoa que experimenta qualquer tipo de atração sexual, isto é, sente atração ou desejo sexual por outras pessoas, contrário de assexual.



quererem a sua eliminação total, com severos retrocessos em relação ao direito à vida digna, como temos visto nos últimos anos, principalmente no atual governo.

Desta feita, caso não ultrapássemos as fronteiras e demarcações da imposição de uma identidade cisgênera heterossexual, nós, que resistimos a tal delimitação, estaremos excluídos dos direitos fundamentais da vivência (e da convivência!) social, resignados tão somente à nossa existência. Para tanto, objetivamos saber os conhecimentos de docentes e estudantes da Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB) sobre os significados do monograma LGBTQIAPN+, observando que a dissidência da heteronormatividade cisgênera é saudável para a composição do sumo social, devendo, em primeira mão, levar a quem vai atuar na docência histórias esclarecedoras sobre a temática, haja vista que lidar com a diferença e a diversidade em sala de aula deve ser saudável, necessário e urgente.

Similarmente, é estratégico levar aos participantes esclarecimentos que sejam capazes de criar raízes que protagonizem os direitos de todas e todos, cujas diferenças necessitam de acolhimento, respeito e visibilidade como grupo constituinte da diversidade humana. É preciso, antes de manter um discurso enfurecido e descompassado com a realidade, saber os reais significados da sigla LGBTQIAPN+, cuja representatividade deve ser uma permanente construção e perene responsabilidade de todas e todos, rompendo com um sistema hegemônico (no sentido mais sujo e pesado do termo!) que tenta moldar nossos pensamentos para uma ideia unidirecional, voltada à heteronormatividade cisgênera, que busca a liquidação da diferença e da diversidade, essenciais para a pluralidade social!

O momento que ora atravessamos remete-nos ao período medieval (do século V ao século XV – da Alta à Baixa Idade Média, respectivamente), tendo um governo visto, pela grande maioria da população brasileira, como cruel, reacionário, incivilizado, fascista, extremista, homofóbico, racista, misógino, negacionista, entre outros adjetivos tão pejorativos quanto necessários para denunciar e desqualificar o retrocesso imposto. Assim, trazer à baila temas atinentes à representatividade LGBTQIAPN+ pode evidenciar e reavivar o ativismo, a militância e a resistência ao silenciamento e “retorno aos armários” a que fomos submetidos no atual (des)governo!



A necessidade de disseminar, dialogar e ecoar temas progressistas é uma oportunidade de dar voz às vidas silenciadas (momentânea ou permanentemente!), caladas e embargadas pelo preconceito, homofobia, medo, ataques, ódio e constantes ameaças que a nossa comunidade LGBTQIAPN+ experimenta. Penso que falar por quem está silenciado neste momento é um ato de coragem, pois nunca se sabe o que pode acontecer com quem ousa defender pessoas LGBT, pretos, mulheres, indígenas, pessoas com deficiência ou quaisquer grupos que resistam à mordada.

Falar, neste momento, pode representar enorme perigo! Se “o desassossego perante a atualidade reverbera, então, inquietações muitas” (MOREIRA, 2020, p. 15), gritar, em tal caso, ao microfone para não voltar ao casulo a que fui avassalado por décadas é uma necessidade, pois preciso, antes de tudo, defender a liberdade, tão cara a todas e todos, porque “o saber das minorias dominantes não proíba, não asfixie, não castre o crescer das imensas maiorias dominadas.” (FREIRE, 1997, p. 127).

## **O CENÁRIO DA PESQUISA EDUCACIONAL: BUSCANDO RESPOSTAS E ENGAJAMENTO**

Buscando entender como as pessoas de meu ciclo universitário compreendem a significância (no sentido de valor) da sigla monogramática LGBTQIAPN+, procurei as respostas das dúvidas que permeavam o imaginário das pessoas participantes da pesquisa acerca da temática na tentativa de ajudá-las, pois não se pode criticar alguém pela falta de conhecimentos acerca de determinado tema. Ao contrário, intenciono, de mais a mais, esclarecer e dar voz a essas pessoas para que, em momento oportuno, tornem-se parceiras e suas vozes possam ecoar na luta que parece endurecer neste momento de um governo que patrocina uma agenda antiLGBTQIAPN+!

À vista disso, a investigação se justifica pela necessidade de trazer à tona esclarecimentos sobre o significado da marca social LGBTQIAPN+, cujo firmamento remete à luta, à resistência e ao orgulho de se fazer parte da diversidade humana, como resultado de muitas lutas que venho travando há anos, direcionadas aos direitos das mulheres, das pessoas com deficiência, do movimento LGBTQIAPN+, de negros e quaisquer grupos que sejam aliados do



processo de inclusão (MANRIQUE; MOREIRA, 2018; MOREIRA; MANRIQUE, 2014; MOREIRA; RIVIERA, 2018; TEIXEIRA; PAIVA; MOREIRA, 2018; MOREIRA, 2020).

Este estudo é de cunho qualitativo e exploratório e tem como objetivo geral saber que conhecimentos os docentes e estudantes da Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UnB (FE/UnB) têm sobre os significados da abreviatura LGBTQIAPN+, com o propósito de fomentar diálogos e debates que despertem o seu interesse pela defesa de questões socioeducacionais voltadas aos Direitos Humanos, atinentes à defesa da vida digna frente ao momento atual que, a duras penas, atravessamos. De forma restrita, intenciono esclarecer eventuais descompassos e desconhecimentos sobre a defesa de se ter na referida sigla o englobamento de todas e todos que, de alguma forma, são excluídos do convívio socioeducacional no âmbito universitário. Ademais, engrossar o caldo das discussões, ressoará diretamente em quem vai lidar frontalmente com as bases da Educação Básica, formando jovens mais conscientes da luta e resistência pelo coletivo!

A investigação, com sentido abstruso, aparentemente simples, foi realizada por meio da pesquisa aplicada (questionário on-line), que abrangeu a busca pelo entendimento dos depoentes acerca da abreviatura do movimento social LGBTQIAPN+, procurando esclarecê-los quanto aos termos e significados usados, uma vez que não se trata apenas de usar letras em um monograma, numa sigla qualquer! Cada uma das letras do monograma representa um conjunto de indivíduos que antes eram invisíveis socialmente! Tais letras deram condições de existência de muitos de nós! Por seu turno, o caractere “+” engloba as outras identidades de gênero e sexualidades diferentes da impositiva heteronormatividade cisgênera que não estejam na sigla LGBTQIAPN.

O questionário empreendido on-line mostrou-se eficiente, assentado nos fundamentos que sustentam uma pesquisa científica, uma vez que as perguntas foram simples e diretas, pois a técnica de investigação composta por um número de “(...) questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses,



expectativas e situações vivenciadas” sobre determinado tema (GIL, 2008, p. 128), pode identificar que elementos determinam ou favorecem para a causa dos fenômenos estudados.

Na primeira seção deste texto, procurei apresentar a temática em seus aspectos teóricos e os esclarecimentos atinentes à sigla do movimento social LGBTQIAPN+, cuja representatividade está muito além das letras, deu vida a pessoas antes ofuscadas, invisibilizadas e reprimidas! A segunda seção destina-se à apresentação do cenário investigativo educacional, buscando elucidar como se deu. Por sua vez, na terceira seção, apresento os resultados e discussões traçados sobre a temática, para proporcionar maior familiaridade com as vozes representadas no monograma LGBTQIAPN+, tornando-o mais explícito e, em derradeira ideia, colocá-lo no cenário das discussões referentes à formação de professores. Por fim, nas considerações finais, procuro provocar o grupo e deixar as conclusões sobre cada uma das letras e caractere para os leitores, convidando-os a estarem juntos na luta, resistência e busca por um mundo mais inclusivo e com menos autorreprodução dos arquétipos heterossexuais hegemônicos.

### **OS IMPORTANTES ACHADOS NAS RESPOSTAS SIMPLICISTAS DE UM QUESTIONÁRIO: DESCORTINANDO OS DESCONHECIMENTOS E A ARREGIMENTAÇÃO DE PARCEIROS**

Para conseguir atingir os objetivos previstos, em função do grave período pandêmico que ora atravessamos (MOREIRA; VIEIRA, 2020), enviei um questionário, via Formulário Google, para que os depoentes pudessem responder com a tranquilidade necessária. Logo, os dados foram produzidos a partir de um questionário on-line aplicado a 27 docentes da FE/UnB, com retorno de 11 depoentes do gênero feminino e oito do gênero masculino, todos com doutoramento concluído (19 docentes respondentes), e 20 estudantes da Pós-Graduação em Educação – mestrandos e doutorandos do PPGE/UnB, com retorno de 15 respondentes, sendo nove do gênero feminino e seis do gênero masculino, totalizando 34 depoentes.

Ressalta-se que o questionário foi muito bem aceito, com 70,4% de retorno dos docentes e 75% de retorno dos estudantes da Pós-Graduação. Isso representa 72,34% de devolutiva da população inicialmente convidada a participar da investigação, o que significa



assegurar o *feedback* aos depoentes que, podem, numa visão bastante otimista, difundir a cultura LGBTQIAPN+ que, eventualmente, possam ter esclarecidas suas dúvidas e, mais ainda, agregar conhecimento e aliados na luta contra a homofobia!

O questionário on-line foi composto de duas partes. Na primeira parte, encontram-se as variáveis demográficas, que serviram para o conhecimento e caracterização dos respondentes (MOREIRA *et al.*, 2016). A segunda parte constituiu-se de quatro questões disparadoras, que foram objeto de análise em conformidade com os objetivos ocultos aos depoentes, conforme se vê na Tabela 1.

Tabela 1: Questões disparadoras e respectivos objetivos

<b>Questões</b>	<b>Objetivos (ocultos aos depoentes)</b>
1) Sem consultar, você sabe o que significa a sigla LGBTQIAPN+?	Verificar se os depoentes conhecem o real significado da sigla LGBTQIAPN+ sem recorrer a eventual consulta.
2) Entre as letras que compõem a sigla LGBTQIAPN+, quais as três letras que você tem maior familiaridade?	Verificar quais as três letras que compõem a sigla LGBTQIAPN+ o depoente tem maior familiaridade/conhecimento.
3) Entre as letras que compõem a sigla LGBTQIAPN+, quais as três letras que você tem menor familiaridade?	Verificar quais as três letras que compõem a sigla LGBTQIAPN+ o depoente tem menor familiaridade/conhecimento.
4) Entre as letras que compõem a sigla LGBTQIAPN+, qual(uais) que você não sabe o significado?	Verificar quais as três letras que compõem a sigla LGBTQIAPN+ o depoente não sabe o significado.

Fonte: Autoria própria (2022).

As respostas apresentadas foram agrupadas e analisadas em consonância com o objetivo oculto, trazendo o percentual de soluções, a argumentação e o confronto com os pesquisadores da área. Assim, para a primeira questão analisada, que objetivou saber se os depoentes possuíam conhecimentos que remetessem diretamente ao significado de cada uma das letras que compõem a sigla LGBTQIAPN+, constatou-se que 18 respondentes (52,94%) informaram saber o que significa cada uma das letras da sigla em apreço, sem recorrer à



pesquisa eventual. Saber o significado do monograma nem sempre é sinônimo de entendimento da representação do movimento LGBTQIAPN+ em nosso país. Inspirado em Melucci (2001), considero que a identidade e a legitimação do movimento social LGBTQIAPN+ ultrapassa a mera expectativa do reconhecimento, com forte ressonância na vida de seus membros. Então, olhar para cada uma das abreviaturas, deve, em primeira mão, ser entendido que, “em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” das vidas por trás daquelas letras (BOURDIEU, 1999, p. 17).

Por outro lado, 16 respondentes (47,06%) informaram desconhecer o que significa uma ou outra letra daquele monograma. Ao observarmos o elevado número de respondentes, quase a metade, que não sabe o significado de alguma letra da sigla em tela, revela-nos a falta de políticas educacionais voltadas ao grupo em geral, com assuntos atinentes aos Direitos Humanos em sentido amplo, sem deixar este ou aquele grupo de fora do debate, haja vista que, para a demarcação de uma política pública e/ou educacional, “é preciso que as diferentes declarações e/ou decisões sejam reunidas por um quadro geral de ação que funcione como uma estrutura de sentido”, que, para além dos muros universitários, “mobilize elementos de valor e de conhecimento, assim como instrumentos de ação particulares, com o fim de realizar objetivos construídos pelas trocas entre os atores.” (MULLER; SUREL, 2002, p. 16).

Ora, é inegável para mim que, “em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver”, conforme exposto pela UNESCO (2014, p. 3), minimizando, pelo menos, os excertos da supremacia heteronormativa.

Neste sentido, as “experiências que surgem no contexto das lutas e movimentos sociais de resistência contra o autoritarismo dos regimes ditatoriais e das lutas por redemocratização ao longo da década de oitenta” (ZENAIDE, 2016, p. 55), reverberam a necessidade de decisões educacionais que busquem a equidade de todos os grupos, desvelando a



necessidade de atividades didático-pedagógicas que busquem tratar de todas as ditas minorias<sup>3</sup>, cujo “pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural.” (UNESCO, 2014, p. 3).

Para as três próximas questões, se cada depoente poderia citar até três letras, poderíamos ter até 102 evocações em cada situação. Ao verificarmos quais das três letras que compõem a sigla que tem forte apelo social, LGBTQIAPN+, o depoente tem maior familiaridade/conhecimento, observamos que houve empate, sendo que as mais citadas foram L (lésbicas) e G (gays) com 21 citações cada e B (bissexuais) e T (transexuais/transgêneros/travestis) com 17 citações cada uma. Os dados revelaram a real necessidade de garantirmos conhecimento aos envolvidos sobre a causa do movimento LGBTQIAPN+, mas, também, garantir uma formação inicial frente à atuação do professor que é um “agente sociocultural e político” (CANDAU *et al.*, 2013, p. 35), que promove e socializa uma prática pedagógica voltada para os Direitos Humanos amplos, que defende a diferença e a diversidade que compõe o ser!

Por outro lado, ao verificarmos quais das três letras que compõem a sigla do monograma LGBTQIAPN+ o depoente tem menor familiaridade/conhecimento, temos que a letra P (pansesexual) foi evocada 33 vezes, a letra N (não-binário) foi selecionada 28 vezes e a letra A (assexual) foi marcada 24 vezes. Este resultado demonstra que temos de denunciar “a realidade injusta em que vivemos, denunciar a impunidade de qualquer tipo de violência”, difundir os grupos que constituem a diversidade cultural, nos posicionarmos “contra a insensatez dos detentores do poder público e privado”, que, não raro, “buscam naturalizar a miséria, a violência e as mortes de grupos específicos, a exemplo de negros, de LGBTQIAPN+ e de mulheres.” (VIEIRA; MOREIRA, 2020a, p. 637).

---

<sup>3</sup> Há muito, venho insistido com essa ideia errônea ao se referirem sobre determinados grupos como minorias. De início, deixo claro que uma minoria não está sempre em menor número absoluto de pessoas numa sociedade. No caso, minoria não se refere a menos pessoas, relativamente à sua quantidade, mas sim a uma situação de dependência ou desvantagem social, que pode estar em vulnerabilidade, marginalizada ou excluída de alguma forma. As minorias mais conhecidas no Brasil são as populações negra, LGBTQIAPN+, indígena, de pessoas com deficiência e de mulheres. Ora, no conjunto, essas “minorias”, em quantidade, obviamente, são a maioria! Certamente que os movimentos sociais, os mais variados possíveis, com ações coletivas de grupos organizados da sociedade civil que lutam por alguma causa social, são essenciais na luta contra a exclusão e a favor da equidade social!



O maior problema que vejo aqui não se assenta em desconhecer uma letra da sigla do movimento LGBTQIAPN+, tampouco saber o real significado dela, embora isso contribua para a acentuação das inflexíveis piadas acerca do tema, ressaltando que os desiguais não pertencem aos demais grupos de seres humanos. Está, na minha avaliação, a não inclusão dessas pessoas na diversidade cultural, fortalecendo a desigualdade frente ao caldeirão de “manifestações artísticas, culturais, lúdicas, comportamentais, ordeiras, cooperativas, participativas no convívio social harmonioso.” (ARROYO, 2010, p. 1404). Defendo que, ao tornamos público o real significado de cada uma das letras e caractere da abreviatura, com densos esclarecimentos sobre cada grupo, defendemos o todo, o coletivo, desnaturalizando a violência contra estudantes professores e estudantes LGBTQIAPN+.

Por fim, quando indagados quais das letras que compõem a sigla LGBTQIAPN+ não sabem o significado, observou-se similaridades com a questão anterior. 30 (88,23%) depoentes não sabem o significado da letra N (não-binário); 24 participantes (70,59%) não sabem o que quer dizer a letra P (pansexual) e 23 (67,65%) respondentes não sabem o significado das letras A (assexual) e I (intersexo). Este resultado demonstra que a “garantia do direito à comunicação democrática e ao acesso à informação para consolidação de uma cultura em Direitos Humanos” (BRASIL, 2009, n.p.) está aquém e defasada, uma vez que faltam esclarecimentos aos formadores, principalmente porque, segundo pesquisa realizada pela UNESCO (2014, p. 304), “¼ dos alunos afirmam que não gostaria de ter um colega de classe que fosse homossexual” e, ainda, “cerca de 6% dos professores no Distrito Federal afirmam que não gostariam de ter homossexuais como seus alunos.”

É preciso debater e formar cidadãos capazes de analisar criticamente a diferença e a diversidade, constituidoras da sociedade, a fim de dizimar a exclusão interna à escolarização e à universidade, de modo que a capacidade opinativa seja aflorada para a defesa do direito de todas e todos! O enfrentamento à desigualdade, à discriminação, ao racismo e à homofobia, perpassa, necessariamente, pela “articulação de programas de combate à discriminação racial e sexual com projetos de valorização da diversidade étnica” (BRASIL, 2004, p. 1).

Os achados aqui postos revelam muito mais que a incipiente análise feita que buscou



traçar um panorama simples do conhecimento (ou não) de professores universitários e estudantes da Pós-Graduação acerca do significado das letras que compõem o movimento social LGBTQIAPN+. Na minha avaliação, numa análise profunda do que está por trás de cada uma das respostas pode ser reveladora do ponto de vista do quanto precisamos divulgar e difundir o real significado de uma sigla monogramática que representa muito mais que o exposto em suas letras, principalmente porque o saber escolar, em consonância com Libâneo (2012, p. 13), é “elemento de elevação cultural, base para inserção crítica do aluno na prática social de vida”, porque revela vidas por trás de uma letra denominadora.

Espera-se criticidade do estudante sendo que, em muitos casos, há desconhecimento daquilo que se ensina, se fala, pois “a sociedade, a universidade, a escola e os professores devem se preocupar constantemente com quais conteúdos são trabalhados em sala de aula”, principalmente porque tais conteúdos “refletem objetivos educacionais propostos pelas instituições de ensino, que nem sempre são voltados para a formação humana e integral do estudante” (VIEIRA; MOREIRA, 2020b, p. 479), o que está na contramão de uma sociedade plural, diversa e mais equânime.

As questões aqui levantadas envolvem conceitos, fundamentos e situações fortemente entrelaçados com a comunidade em geral, “tais como gênero, identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual, que requerem a adoção de políticas públicas educacionais que, a um só tempo, contemplem suas articulações sem negligenciar suas especificidades.” (BRASIL, 2007, p. 9).

## **PARA PENSAR, LEVANTAR, RESISTIR E IR À LUTA**

A feitura deste artigo serviu como ponto de partida para reflexões necessárias e densas atinentes ao empoderamento não só do grupo LGBTQIAPN+, mas dos estudantes, dos professores, das mulheres, dos negros, dos indígenas, das pessoas com necessidade educativas específicas e de todas as ditas minorias. Ao tratarmos de questões aparentemente simples, como saber o real conhecimento dos depoentes acerca das letras monogramáticas que designam um grupo específico, como o LGBTQIAPN+, por exemplo, direcionamos nosso olhar para a vida das



pessoas que mais sofrem neste País por discriminação, preconceito e homofobia, sendo, em muitos casos, assassinadas sem o rigor da investigação e os esclarecimentos necessários.

As reflexões e análises que procurei trazer para este texto revelam que a necessidade de se humanizar respalda, em análise primeira, no conhecimento daquilo que se defende, que é o direito à diversidade, à diferença! A homofobia, tida como “uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquia das sexualidades, assim como confere à heterossexualidade um status superior, situando-a no patamar do que é natural, do evidente” (BORRILLO, 2001, p. 15), sob meu olhar, leva, frontalmente à violência física, à verbal e à simbólica e tantos outros desmandos que ocorrem na sociedade e no interior das escolas que, como bem sabemos, reforça a enfadonha heteronormatividade e o *bullying* homofóbico (VIANNA, 2015).

Defendo que estudar temas relacionados às alcunhadas minorias, serve de recursos didático-pedagógicos que promovem e motivam o despertar para pesquisas, com forte contextualização do cenário social tecido em tempos tão sombrios, pois “refletir sobre as incertezas que multiplicam-se na sociedade brasileira, principalmente porque as *fake news* ganham velocidade avassaladora, capaz de destruir sonhos e retroceder a democracia de nosso País ao seu embrião”, é urgente para a desconstrução do odioso dizer “menino veste azul e menina veste rosa”, determinando como devemos nos vestir, portar e comportar socialmente (MOREIRA, 2020, p. 13). Recuso-me a aceitar tal enunciado como pensamento! O vejo como uma fala rasa, repugnante, machista e homofóbica!

É bem verdade que “a sociedade como um todo ganha, no sentido de gerar, dentro do ambiente escolar, sujeitos capazes de pensar, questionar, criar e ousar, munidos de um conhecimento que lhes foi outorgado por um profissional imbuído de saberes, competência e habilidades.” (SANDES; MOREIRA, 2018, p. 106). Sabemos que capacidade de crítica e defesa dos Direitos Humanos, que reverbera em pura “alegria”, “faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1996, p. 72). Alegria de lutar e defender os direitos de todos e todas!



A irrefutabilidade das considerações aqui postas, sobre a necessidade de difusão e defesa dos direitos das cognominadas minorias, como o caso do movimento social LGBTQIAPN+, não está solidificada. Ao contrário, quero trazer para o debate opiniões diversas, esperançoso da necessidade de outras investigações, capazes de fomentar o diálogo e a discussão sobre a temática, que, por si só, trará o protagonismo necessário para a defesa dos direitos das tituladas minorias, ressignificando nosso papel de professor crítico, que valoriza a diversidade, a pluralidade e a diferença, atuante no combate às diversas formas de violência que experimentamos, rompendo com o silenciamento, a discriminação e a “imbecilização que tenta amordaçar os pensadores”, pois é necessário derrubar as normas que vem sendo cabresteadas e inseridas no meio social e na universidade (MOREIRA, 2020, p. 15).

## AGRADECIMENTOS

Pelo apoio, agradeço ao Grupo *Dzeta* Investigações em Educação Matemática (DIEM); ao Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – PET Educação FE/UnB (PET Educação); à Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF, Edital n. 03/2021 - Demanda Induzida); ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FE/UnB (PPGE – Modalidade Profissional, Chamadas Internas n. 002/2022 e 003/2022); ao Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (MTC/FE) e ao Encontro Centro-Oeste dos Grupos PET (ECOPET/2022), que motivou a discussão e elaboração desta reflexão. Similarmente, agradeço ao Weberson Campos Ferreira, Doutorando do PPGE/UnB, pela revisão do resumo em Língua Inglesa.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out./dez. 2010.

BAUSUM, Ann. *Stonewall: Breaking Out in the Fight for Gay Rights*. New York: Penguin Group, 2015.



BOURDIEU, Pierre. *Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada*. In: LINS, Daniel (Org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1999.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2001.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). *Documento de apresentação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade* (SECAD). Brasília, DF: MEC, 2004.

BRASIL. MEC. Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Cadernos SECAD, Brasília, DF, SECAD, maio 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escola\\_protege/caderno5.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escola_protege/caderno5.pdf).

BRASIL. Decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009. *Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências*. Brasília: Diário Oficial da União - Seção 1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2009/decreto-7037-21-dezembro-2009-598951-publicacaooriginal-121386-pe.html>.

CANDAU, Vera Maria *et al.* *Educação em Direitos Humanos e formação de professores (as)*. São Paulo: Cortez, 2013.

CARTER, David. *Stonewall: the riots that sparked the gay revolution*. New York: St. Martin's Press, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MELUCCI, Alberto. *Invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MANRIQUE, Ana Lúcia; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Access and permanence conditions for students with Special Education Needs in Brazilian Higher Educations. In: HOFFMAN, Jaimie; BLESSINGER, Patrick; MAKHANYA, Mandla (Orgs.). *Contexts for Diversity and Gender Identities in Higher Education*. 1. Ed. New York: Emerald Publishing, 2018, v. 12, p. 13-27.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio (Org.). *Práticas de Ensino de Matemática em Cursos de Licenciatura em Pedagogia: Oficinas como instrumentos de aprendizagem*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.



MOREIRA, Geraldo Eustáquio; MANRIQUE, Ana Lúcia. Challenges in Inclusive Mathematics Education: Representations by Professionals Who Teach Mathematics to Students with Disabilities. *Creative Education*, v. 5, 2014. p. 470-483. Disponível em: [https://www.scirp.org/pdf/CE\\_2014042812072104.pdf](https://www.scirp.org/pdf/CE_2014042812072104.pdf).

MOREIRA, Geraldo Eustáquio; MANRIQUE, Ana Lúcia; MARTINS, Ana Paula Loução; SANTOS, Anabela Cruz dos; HATTUM-JANSSEN, Natascha Van; AREZES, Pedro Miguel Ferreira Martins; MARTINHO, Maria Helena. Validação da Escala Multidimensional de Inclusão de Alunos com NEE em Aulas de Matemática. In: MANRIQUE, Ana Lúcia; MARANHÃO, Maria Cristina Souza de Albuquerque; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. *Desafios da Educação Matemática Inclusiva: Formação de Professores*. Volume I. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio; RIVERA, Andreza Fiorini Perez. O Desafio da Inclusão de Alunos com NEE em Aulas de Matemática em uma Escola do Ensino Fundamental do Distrito Federal. *Revista Temporis[ação]*, v. 18, n. 2, 2018. p. 135-158. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/7708>.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio; VIEIRA, Lygianne Batista. Do ensino presencial ao ensino remoto emergencial em função da covid-19: apoios educacionais, sociais e tecnológicos para professores da rede pública de ensino do Distrito Federal. *Revista Participação - UnB*, nº 34, novembro 2020, p. 171-173. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1\\_y95\\_7QMT\\_wC8vhwQUCJamcPgTvbjtBC/view](https://drive.google.com/file/d/1_y95_7QMT_wC8vhwQUCJamcPgTvbjtBC/view).

MULLER, Pierre; SUREL, Yves. *Análise das políticas públicas*. Pelotas: EDUCAT, 2002.

SANDES, Joana Pereira; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Educação Matemática e a formação de professores para uma prática docente significativa. *Revista @mbienteeducação*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 11, n. 1, jan./abr., 2018. p. 99-109. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/49/471>.

TEIXEIRA, Cristina de Jesus; PAIVA, Thiago Ferreira; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Matemática e Inclusão: para além dos resultados. *Revista de Educação Matemática*, São Paulo, v. 15, n. 20, set./dez., 2018. p. 389-408. Disponível em: <https://www.revistasbemsp.com.br/REMat-SP/article/view/170/pdf>.

UNESCO. *Declaração universal sobre a diversidade cultural*. Organizações das Nações Unidas, 2014. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>.

VIEIRA, Lygianne Batista; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Políticas Públicas no âmbito da Educação em Direitos Humanos: conexões com a Educação Matemática. *Revista REAMEC*, Cuiabá (MT), v. 8, n. 2, maio-agosto, 2020a. p. 622-647. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/10500/pdf>.

VIANNA, Cláudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade



sexual: perdas, ganhos e desafios. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 791-806, jul./set. 2015. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ep/a/LBDYPy9CZ3pGLJ4Sk4HVdQm/?format=pdf&lang=pt>.

VIEIRA, Lygianne Batista; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Sociedade Contemporânea e o Ensino de Matemática: Conexões com a Educação em Direitos Humanos. *Brazilian Applied Science Review (BASR)*, v. 04, 2020b. p. 478-490. Disponível em:  
<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BASR/article/view/7872/7426>.

ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. Linha do tempo da Educação em Direitos Humanos na América Latina. In: RODINO, Ana Maria *et al.* (Org.). *Cultura e Educação em Direitos Humanos na América Latina*. Brasil: trajetórias, desafios e perspectivas. João Pessoa: CCTA, 2016.



## SOBRE A AUTORIA

### Geraldo Eustáquio MOREIRA

Pós-Doutor em Educação pelo ProPEd (UERJ/2020); Doutor em Educação Matemática – PUCSP (2012), com Estágio Doutoral pela Universidade do Minho (UMINHO/PT); Mestre em Educação – UCB (2005); Pós-Graduado em de Ensino da Matemática – UNICLAR (2000); Licenciado em Ciências – UEG (1996), Matemática – UNOESTE/SP (1999) e Pedagogia – Instituto Superior Fátima/DF (2013). É Professor da Universidade de Brasília - UnB, atuando na Faculdade de Educação e é Professor/Pesquisador da Pós-Graduação, níveis Mestrado e Doutorado, dos Programas de Educação (PPGE, Acadêmico e Profissional), onde desenvolve pesquisas assentadas na Educação Matemática. Tem feito pesquisa, ensino e extensão associados a uma atuação profissional que busca consolidar abordagens construtivistas na formação de professores de Matemática, sobretudo nas subáreas da Matemática, da Educação Matemática, da Educação Matemática Inclusiva, da Cognição Matemática e da Matemática e Direitos Humanos. Associado a estes aspectos, tem atuado pela profissionalidade, trabalho e condições da docência de professores que ensinam Matemática, epistemologias, Etnociências, diversidade, diferença e inclusão. Focaliza, de forma



MOREIRA, G. E.  
Monograma do movimento LGBTQIAPN+  
| Artigo

complementar e associada às questões de identidade e saberes, na formação para a docência neste campo. É líder do grupo de pesquisa "*Dzeta* Investigações em Educação Matemática – DIEM"; Tutor do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (PET Educação: Diversidade, diferença e inclusão) e consultor da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), onde tem Projetos de Pesquisa financiados.

*Submissão: 13 de julho de 2022*

*Avaliações concluídas: 22 de agosto de 2022*

*Aprovação: 04 de setembro de 2022*

## COMO CITAR ESTE ARTIGO?

MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Por trás do monograma do movimento LGBTQIAPN+: vidas, representatividade e esclarecimentos. Revista *Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 22, N. 02, p. 20, jul./dez., 2022. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>

Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >